

GRUPO DE PESQUISA INFÂNCIA E CULTURA CONTEMPORÂNEA – GPICC

Rita Marisa Ribes Pereira - UERJ

O Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea é filiado institucionalmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde sua criação, em 2005, tem por objetivo o estudo da experiência da infância no contexto da cultura contemporânea, principalmente no que se refere às relações das crianças com as mídias e tecnologias. O Grupo é formado por estudantes de graduação e de pós-graduação e também por professores das redes de ensino das escolas com as quais o grupo desenvolve projetos em parceria. Como rotina de trabalho, o Grupo encaminha seus estudos na tensão entre um projeto institucional coletivo e as singularidades dos projetos individuais que são desenvolvidos como teses de doutorado, dissertações de mestrado ou monografias de graduação. Esses trabalhos podem ser acessados em www.gpicc.pro.br.

Para esta edição do GRUPECI, o Grupo traz para o debate com seus pares, problemáticas e reflexões oriundas do atual projeto institucional, intitulado “Infância e cultura: experiência e criação na contemporaneidade”, elaborado coletivamente desde a construção do projeto até a produção de seu relatório. Construir um projeto coletivo que mantenha permanente diálogo com as temáticas dos estudos individuais fora o nosso primeiro desafio, que implicava também o traçar de metas de estudo, a delimitação de uma pesquisa de campo comum aos membros do grupo e a construção de critérios de análise também compartilhados.

É parte desse processo que apresentamos nos textos a seguir, produzidos levando em consideração uma primeira sistematização coletiva de nossas questões de pesquisa, aprofundadas, porém, sem desconsiderar os interesses temáticos dos projetos individuais. Assim, o primeiro texto, “Infância, cultura e experiência: a construção coletiva de uma pesquisa”, apresenta a trajetória de produção em grupo do projeto institucional, desde a construção de seu objeto até à sistematização de suas análises preliminares. O segundo texto, “ética e estética na busca de estratégias metodológicas de pesquisa”, aborda mais especificamente a construção da pesquisa de campo e o desafio de traduzir as questões centrais da pesquisa em oficinas de trabalho onde aconteceria efetivamente a interlocução com as crianças. O terceiro texto, “No limiar: sobre tempos e espaços de uma pesquisa com crianças”, apresenta reflexões já do processo de sistematização do trabalho de campo, realizado com crianças de 4 a 12 anos, em diferentes contextos presenciais e também no contexto das redes sociais *online*. Além de observar com atenção aquilo que, em diálogo, as crianças procuraram sinalizar, é feito também uma avaliação dos procedimentos de pesquisa adotados, destacando o acontecimento do trabalho de campo e, nele, as diferentes experiências espaciais e temporais implicadas.

Palavras-chave: Infância, Contemporaneidade, Pesquisa com crianças.

INFÂNCIA, CULTURA E EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UMA PESQUISA

Rita Marisa Ribes Pereira – UERJ
Núbia de Oliveira Santos – UERJ
Nélia Mara Rezende Macedo – UERJ

Resumo

Este texto apresenta o processo de construção coletiva de uma pesquisa com crianças realizada no âmbito dos estudos do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. Em meio à desafiadora busca por contemplar a diversidade de interesses que sustentam os projetos de pesquisa individuais, os membros do grupo lançaram-se a campo com o objetivo de realizar uma investigação comum em torno da questão que nos une, a saber: Quais as experiências da infância na cultura contemporânea?

O diálogo com autores que fundamentam nossas concepções de infância, como Walter Benjamin, bem como de pesquisa em ciências humanas, tais como Marília Amorim, Solange Jobim e Souza e Lúcia Rabello de Castro, se ofereceu como basilar para as constantes negociações em torno da lapidação do objeto de pesquisa, da delimitação do campo e da criação de estratégias metodológicas que levassem em conta as especificidades de uma abordagem dialógica em diferentes contextos sociais e culturais. Cabe ressaltar que se assume como premissa o caráter filosófico da pesquisa, no intuito de propiciar a formulação de questões que possam nos posicionar frente ao tema a partir de sentidos compartilhados entre os pesquisadores e as crianças.

Tomando como pressuposto o reconhecimento dos atravessamentos da multiplicidade de relações e práticas estabelecidas em cada cultura, nos olhares, nas formas de viver e compreender das crianças; e o desejo de alteridade, aqui entendido na percepção da criança como um outro que pensa diferente e nos aponta ângulos de visada de práticas culturais que não teríamos como avistar sem o diálogo com elas, optou-se pela realização de encontros dinamizados através de oficinas com diferentes grupos de crianças. Tais encontros tiveram como eixos as temáticas subjacentes à questão central acerca das experiências infantis, objetivadas em seis perguntas pontuais: a) Que é ser amigo? b) O que você faz todo dia? O que nunca faz e gostaria de fazer? c) Onde você gostaria de estar agora? d) O que você acha que nunca vai se esquecer? e) O que você não conseguiria viver sem? f) Que perguntas você acha que se deveria fazer para as crianças?

Apesar de não se pautar na pretensão de abarcar qualquer totalidade em caráter quantitativo, a pesquisa buscou contemplar uma diversa gama de contextos sócio culturais e faixas etárias dos interlocutores, totalizando 74 crianças entre 4 e 12 anos, no intuito de dar a conhecer diferentes experiências infantis no estado do Rio de Janeiro. Os pesquisadores, individualmente ou organizados em duplas, realizaram as oficinas com grupos fixos de crianças selecionadas a partir de suas redes de familiaridade ou do acesso institucional através das escolas onde atuam como professores.

Com a finalização do trabalho de campo, debruçar-se sobre as formas como as crianças pesquisadas reorganizam, recriam e reelaboram suas formas de ser e agir no mundo tem nos levado a pensar, num exercício alteritário de olhar e ser olhado, na importância de retomar as reflexões que acompanharam o processo de elaboração das perguntas, na construção da pesquisa, a também a maneira como perguntamos, a nossa concepção de infância, e os desafios de pensar metodologias de pesquisa *com* crianças.

Palavras-chave: Pesquisa em grupo, Pesquisa com crianças, Pesquisa e alteridade.

ÉTICA E ESTÉTICA NA BUSCA DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE PESQUISA

João Marcelo Lanzillotti – UERJ

Ivana Soares – UERJ

Este texto propõe uma reflexão sobre questões éticas e estéticas surgidas na construção de atividades práticas (oficinas) como estratégias metodológicas associadas às seis perguntas que orientaram o trabalho de uma pesquisa cujo foco de investigação é a experiência da infância na contemporaneidade. Temos como objetivo nesse texto descrever o percurso da construção dessas atividades práticas associadas às perguntas, apresentar a discussão das referidas questões que nortearam esta pesquisa ao campo, abordar a maneira como buscamos traduzir nossas perguntas em oficinas e refletir sobre as possibilidades de análise do material diversificado e heterogêneo construído. A intenção do grupo de pesquisadores foi construir uma metodologia de pesquisa onde privilegiasse a interlocução e a produção de sentidos compartilhados entre pesquisador e crianças. Tomando como arcabouço teórico o pensamento de Mikhail Bakhtin acerca de uma ética singular e sua relação com a estética, concebemos a criança nas suas potencialidades de experiência, criação e linguagem vivenciadas na especificidade da infância. Da mesma forma, entendemos a pesquisa como uma experiência estética, como propõe Rita Ribes Pereira, o que permite a busca e criação de formatos singulares ao ato de pesquisar em diálogo com aspectos da vida. Fazendo uma reflexão indagamos: por que pensamos em trazer elementos do cotidiano e da vida social para uma sistematização de pesquisa? Ao pensarmos as relações éticas e estéticas que envolveram a pesquisa foi imprescindível analisar a estrutura de cada pergunta elaborada: Qual a relação entre cada pergunta e sua oficina correspondente? Que aspectos estão em jogo quando propomos determinada atividade no encontro com as crianças? Como se deu o acabamento estético de cada conjunto pergunta/oficina? Cada encontro, como um acontecimento singular, obedeceu a um formato distinto constituído por diferentes linguagens e mediações. Pudemos perceber ainda que as atividades fomentaram um tecer de diálogos muitas vezes acompanhando o próprio fazer, o que nos remete à abertura para narrativas e elaboração de memórias, remetendo à experiência de um fazer artesanal. Tais narrativas enriquecem significativamente a relação dialógica que se pretende estabelecer. Procuramos ainda indagar sobre os desafios, limites e alterações que se apresentaram entre a elaboração coletiva das oficinas pelos grupos de pesquisadores e a sua implementação no campo. Em suma, entendemos que tais oficinas como estratégias metodológicas criam um tecido de respostas que repousam em formatos diversificados. Por outro lado, tal diversificação também configura um desafio à análise na medida em que a leitura não se resume ao discurso verbal, mas inclui também imagens, formas plásticas e o próprio silêncio como resposta. Compreendemos que tanto o conjunto diversificado de respostas quanto as diferentes formas com que foram recebidas as oficinas, guardam uma riqueza de contradições que nos apontam um campo fértil de pesquisa a ser explorado acerca da experiência de infância na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ética. Estética. Estratégias Metodológicas.

NO LIMIAR: SOBRE TEMPOS E ESPAÇOS DE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS

Caroline Trapp de Queiroz – UERJ
Cecília de Miranda Schubsky – UERJ
Eunice Muruet Luna – UERJ
Fernanda Milanez – UERJ

Esse artigo tem por objetivo levantar reflexões sobre as relações entre os tempos e espaços da pesquisa realizada com crianças de diferentes contextos pelo Grupo de Pesquisa em Infância e Cultura Contemporânea. Pretendemos olhar para as especificidades que cada grupo de crianças constitui em relação aos espaços que ocupa e aos tempos que esses espaços permitem vivenciar. Os ambientes em que se desenvolveu a pesquisa foram escolas da rede pública e privada do Estado do Rio de Janeiro, área rural do mesmo Estado e redes sociais, e as crianças que foram nossas interlocutoras nessa trajetória têm entre 4 e 12 anos de idade. Portanto, partimos em busca da compreensão dos tempos próprios aos espaços onde os encontros aconteceram, mas nos estendemos também aos tempos que as crianças trouxeram às dinâmicas metodológicas desempenhadas e aos tempos da pesquisa em si, desde sua estruturação até a sistematização enquanto escrita, passando pelo momento do encontro, da problematização e da maturação de ideias.

O principal conceito que nos serve de base para as reflexões levantadas é o conceito benjaminiano de *limiar*, que não apenas separa territórios, mas permite a transição, de duração variável, entre os territórios pertencendo, assim, à ordem do espaço, mas também essencialmente do tempo. Nesse sentido, refletiremos sobre as experiências limiarias que se revelaram na pesquisa como acontecimento: nos momentos de apresentação da proposta de pesquisa, no convite, nos conflitos, nas negociações, nos estranhamentos, nas concepções e apropriações do tempo e do espaço, nos silêncios e nas transgressões entre adultos/instituições, adultos/crianças e crianças/crianças. Ditas experiências limiarias, como cenários de interação entre pesquisadores e crianças, foram lugares de partilha e disputa no campo dialógico entre gerações.

Partindo dessas ideias, os pontos a que daremos destaque pressupõem pensar o encontro com a pesquisa, com a metodologia, com nós mesmos enquanto pesquisadores e em diálogo com as crianças. Depois das análises pudemos perceber que, apesar de as questões metodológicas estarem presentes em cada uma das discussões que antecederam os encontros da pesquisa, ditas questões se recriaram no momento do encontro, naquele único e irrepetível momento, que foi vivido de maneiras diversas pelos diferentes grupos que compuseram a pesquisa. Pensar, portanto, a implicação dos tempos que cada espaço permitiu à pesquisa e as especificidades que nasceram desses encontros é pensar como as crianças se apropriaram da pesquisa e transgrediram/recriaram a metodologia, nos transportando aos miúdos/limiaries *dos e nos* tempos e espaços.

Em suma, fomos a diferentes espaços, movidos pelo desejo de sermos estrangeiros no país do outro e, no entanto, o tempo que carregamos foi aquele do encurtamento das experiências, a que se refere Benjamin. O tempo de uma modernidade que nos rouba dos limiaries e das transições para nos lançar a uma sucessão e repetição de vivências quase que automatizadas. O texto problematiza e destaca, portanto, como as relações entre tempos e espaços afetaram a pesquisa de uma maneira geral.

Palavras-chave: Tempos, Espaços, Limiar